

Uma luz com toldo vermelho prossegue a busca paradigmática do desejo homoerótico iniciado em livros anteriores de poesia: "Escrever sobre o esterco das repressões" (p.50). Percebe-se agora uma especial atenção à descrição rigorosa dos elementos do mundo exterior, em sintonia com o mundo interior. O cenário físico (o cuidado em indicar nomes de plantas e aves), com suas conotações específicas de luminosidade e disponibilidade, configura um recorte luminoso da experiência, estabelecendo uma irradiação química entre a natureza e o sujeito nela inserto:

*Os melros entoam um canto
de companhia
fugitivo, metálico sobre nós
os dois.*

*(...) Medronheiros,
silvados, urtigais, a urze
nas pedras albilucentes
(p.48)*

*os dedos mulatos, a maré
crespa
do cabelo. O instantâneo
desejo
de amar e ser amado.
Nas dunas o cheiro da
carcuma. (p.17)*

O poeta cria uma realidade passível de ser representada, dela lhe chegam vestígios indecisos que apontam para uma das tarefas da poesia - transfigurar o real ou transformá-lo em antídoto:

*Detesto a poesia. Essa
tarefa
debruada de troca social.
(p.53)*

Detestar a poesia por sabê-la espaço de transferência das utopias? A única provável permanência? O terreno minado onde pulsam as ilusões de representação? Uma forma de diálogo impossível uma vez que sempre escapa alguma coisa na depuração da linguagem: do apenas um com todos os outros?

Edgard Pereira

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Hábito da terra*. Luanda: União de Escritores Angolanos, 1988.

Entre a opacidade de um tempo que impõe perplexidades e a forte luminosidade de um solo poético, transita o atento olhar de Ruy Duarte de Carvalho em *Hábito da terra*, o seu sétimo livro de poemas, pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Literatura de 1989 em Luanda.

Ao definir, já no primeiro segmento desta sua obra, o texto como *lugar do encontro*, o autor indica-nos a sua opção por uma poesia que, afastando-se da gratuidade de tantos sinais, aposta na comunhão e faz do seu um trabalho que tem a vida como referência. O claro dessa concepção de poesia, já inscrito em "Arte poética" - espaço voltado à reflexão

sobre o ato de escrever com que se inicia o livro - não desvela toda a verdade simbólica de um universo cultural cambiante que a maestria do poeta procura captar: antes se pode dizer que nos vemos ali diante de pistas que, se nos abrem algumas veredas no intrincado tecido textual, não nos dispensam do precioso trabalho de decifração de um código centrado na sobriedade e na fluidez de imagens solidamente construídas.

Insertos na atmosfera algo difusa da poesia, o rigor e a nitidez da linguagem compõem o jogo de sedução, que legitimamente, deve envolver o leitor. Esse desejo de cumplicidade, fundamental na poética de Ruy Duarte de Carvalho, redimensiona a relevância das imagens que estruturam o seu canto, nem sempre fácil, requerendo uma sensibilidade atenta, mais e mais aguçada pelo ritmo condensado de tantos versos. Nesse sentido, a densidade de sua palavra busca traduzir a verticalidade de uma percepção sempre disposta a revolver superfícies e compor a geografia de um terreno onde o insólito e a inevitabilidade das fraturas parecem substituir a previsibilidade de caminhos demarcados. Os choques daí recorrentes e a amargura por vezes exposta não dão margem, todavia, à supremacia de sentimentos nihilistas e abstratos tão predominantes em certas estéticas identificadas com a pós-modernidade.

Povoada por imagens que, a todo momento, remetem à matriz - a terra angolana -, mas que organizadas pela lucidez de uma consciência enérgica, ultrapassam os limites do provisório e/ou local, essa poesia mescla-se à História, fazendo-se, contudo, simultaneamente à margem dela, alimentando-se de elementos que, ao atender à urgência de um fogo diverso, integram uma outra mitologia. Tocada pela sombra do tempo, essa mitologia teve alterada a sua ordem e as verdades pacificadores desse universo são agora sinais inquietos que se presentificam no desconcerto a um só tempo tenso e harmonioso do texto literário. Por essa via, por exemplo, podemos ler "Provérbios e citações", um dos segmentos do livro, em que o diálogo do poeta contemporâneo com a tradição oral patenteia um conflito que a poesia não pode ignorar:

*Omili yange Iwa m ongubu
Omupika wange muwa
kollongo.*

*A minha bengala, metida em
espinheiras, dentro do
cercado
Está longe de casa o meu
melhor escravo.
Kwanyama*

Está escravo da casa o meu melhor longe, sou escravo da casa dentro do cercado, cerquei-me de casas. Longe de espinheiras eu sou a bengala cercada de escravos. Sou

escravo do longe que cerquei dentro de espinheiras. Estou dentro de casa, longe do cercado, cercado de longe em casa de escravo. Estou longe do longe que há no meu cercado.

A opção pela cadência da prosa, tal como já ocorria em *A decisão da idade*, livro publicado em 1976, não reduz a poeticidade do texto, tornando-se antes um modo oblíquo de intensificá-la, ao reinventar no compasso de variados ritmos e formas que possam levar à descoberta da "palavra exata", que para o autor "Há-de surgir entre os demais sinais/ para rematar colunas ou para impor uma palavra em falta". Por isso, mesmo na continuidade das linhas se mantém a tensão e o resultado é um texto que jamais renuncia ao desejo de acordar sentidos e iluminar cantos sombrios de uma paisagem definida pelo impulso do olhar que a refaz, na seqüência de gestos que vão modulando a travessia proposta pelo texto.

Nos poemas em que o verso ressurgue como medida forma, observa-se a contração como procedimento básico. Curtos, os poemas expõem a tensão e a perplexidade - experiências muito próprias de um tempo em que a arte e o trabalho não estão distantes da idéia de dor e de sacrifício. A natureza, percorrida pelo poeta, através de *lagos, montanhas, rios, areias, rebanhos, figueiras e zebras*, já não guarda o equilíbrio de outras eras a

carga evocativa das palavras certamente aponta:

*A guerra, ao lado
ultrajava os pastos
aviltava o gado
humilhava a rama
sã do sentimento*

*Misturavam humores
de vida e ruína
confundia o sangue
lunar de barrigas
ao sangue das feridas
cuspidas pelo fogo
do aço importado.*

O tom evocativo associa-se ao movimento da memória para dar corpo a uma experiência poética que vai além do ato de recolher aqueles objetos que cifrariam uma ordem situada no passado, perdida, portanto, nos limites da nostalgia. De posse de um singular legado, herdado na corrente dos dias e na relação direta com o real, a linguagem dessa poesia cria uma atmosfera que sugere a cerimônia de um pacto: entre a Arte e a História, entre o poeta e a terra, entre o poeta e a poesia, entre o poeta e o leitor.

Dispensando o recurso fácil das imagens cristalizadas pela convenção, os versos se armam para secamente enfrentar a secura de um tempo inóspito. Para tanto, sempre avessos à retórica do banal, o poeta prefere recorrer aos ensinamentos de quem trabalha o barro e com ele cria formas, produz objetos, dá sentido à existência. E mais, procura a aliança do fogo, matéria sagrada entre os

povos do Sul de Angola que Ruy Duarte estuda como antropólogo e visita na condição de poeta:

*Eu falo do silêncio das
mulheres sentadas, das tarefas
autônomas que os seus gestos
tecem, dos termos da aliança
entre o seu porte e o fogo
quando se afirmam sobre os
calcanhares.*

A partir dos materiais ofertados pela aventura concreta da vida e dos gestos que presidem a montagem dos espaços da poesia, o artista tece o canto que acena para uma ordem viva. Assim, a diversidade dos elementos que perfazem o solo poético se amplia no tempo e no espaço, redimensionando as fronteiras históricas e geográficas de uma literatura que não deixa de marcar o seu lugar e a sua hora:

*Uma memória a ter-se
mas não aquela que o futuro
impeça.*

A utilização de contextos não familiares ao leitor estrangeiro aprofunda o nosso impacto sem diluir os enigmas que o texto guarda, abrindo-se a uma voz que, ciosa de outros segredos, pode confessar a que veio. Uma vez mais, confirmando a força de sua linguagem e o vigor de uma poesia que apura o gosto da palavra e se impõe contra o reino do senso comum, Ruy Duarte de Carvalho apresenta-

se para revelar como é possível, a despeito de tudo:

*Sacralizar o dia
Fazer das mãos uma matriz
de imagens
e expor a face ao cheiro que
respiram.
Olhá-las com a surpresa dos
milagres.*

A beleza de suas construções, sua extraordinária capacidade de transitar por universos impenetrados e deles extrair uma impressionante plasticidade, o seu poder nada mágico de seduzir através de inquietantes associações e insidiosas imagens, cuja matriz ele reinventa a cada passo, levam-nos, ainda uma vez, a repetir com o próprio: "A força mais guardada que há na luz só se consente em superfícies raras".

Rita Chaves

HOUAISS, Antônio et al. *Estudos Universitários de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, 666 p.

Publicado pela Tempo Brasileiro, em homenagem a Leodegário A. de Azevedo Filho, Professor Emérito da UERJ, o grosso volume, apresentado por Antônio Houaiss, reúne 40 colaborações de autores nacionais e 22 colaborações de autores da Europa e dos Estados Unidos da América. Entre os colabora-